



## **TENSÃO ENTRE MONOTEÍSMO E POLITEÍSMO NA BÍBLIA HEBRAICA E NO ANTIGO ISRAEL<sup>1</sup>**

*TENSION BETWEEN MONOTHEISM AND POLYTHEISM IN THE HEBREW  
BIBLE AND IN ANCIENT ISRAEL<sup>2</sup>*

**Anderson Yan<sup>3</sup>**

### **RESUMO**

O artigo analisa a tensão entre o monoteísmo e o politeísmo na Bíblia Hebraica (BH) e na religião do antigo Israel, propondo que o desenvolvimento do monoteísmo foi um processo gradual e multifacetado. O estudo parte da análise de passagens bíblicas e evidências arqueológicas que sugerem a coexistência de crenças politeístas, mesmo com a predominância do culto a Javé. O autor discute o uso de termos como henoteísmo e monolatria para descrever o fenômeno religioso no antigo Israel, argumentando que o monoteísmo só se consolidou plenamente durante o período exílico. A metodologia aplicada inclui a distinção entre abordagens “êmicas” e “éticas”, permitindo uma análise contextualizada das práticas religiosas da época, sem imposições de conceitos modernos. Além disso, o artigo explora a influência de outras divindades, como El, Asherah e Baal, na religiosidade israelita, sugerindo que a transição para o monoteísmo envolveu um processo de assimilação, exclusão e transformação de práticas religiosas. Conclui-se que o monoteísmo israelita não surgiu de forma abrupta, mas como resultado de uma longa reflexão teológica e política, com influências externas e internas que moldaram o pensamento religioso ao longo do tempo.

---

1 Artigo recebido em 10 de julho de 2019, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 14 de novembro de 2024, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

2 *In memoriam* ao professor Dr. Deomar Ross pela sua grande contribuição na docência do Antigo Testamento no Seminário Teológico Servo de Cristo para a formação de pastores das igrejas chinesas em São Paulo.

3 MDiv and a MTh in Biblical Theology (STSC); PGCert in Theology of Transformation (LST, University of Middlesex); MA in Biblical Studies (Heythrop College, University of London); AKC (KCL); PhD candidate in OT/HB Studies (KCL). Awards: KCL Theological Trust; St. Luke's College Foundation; The Foundation of St. Matthias; The Mylne Trust. Anderson teaches at KCL and Foundation University Amsterdam as a graduate teaching assistant and distance learning tutor. He is also Associate Fellow of the Higher Education Academy and member of AIAS, EABS, ETS, FEET, IOSCS, OTSEM, SOTS, SBL, MA and SOTS.

**Palavras-chave:** Monoteísmo. Politeísmo. Henoteísmo. Monolatria.

### ABSTRACT

*The article analyzes the tension between monotheism and polytheism in the Hebrew Bible (HB) and the religion of ancient Israel, proposing that the development of monotheism was a gradual and multifaceted process. The study examines biblical passages and archaeological evidence suggesting the coexistence of polytheistic beliefs alongside the predominant worship of Yahweh. The author discusses the use of terms such as henotheism and monolatry to describe the religious phenomenon in ancient Israel, arguing that monotheism only fully consolidated during the exilic period. The applied methodology includes the distinction between “emic” and “etic” approaches, allowing for a contextualized analysis of religious practices without imposing modern concepts. Additionally, the article explores the influence of other deities, such as El, Asherah, and Baal, on Israelite religiosity, suggesting that the transition to monotheism involved a process of assimilation, exclusion, and transformation of religious practices. The conclusion is that Israelite monotheism did not emerge abruptly, but as the result of a long theological and political reflection, with both external and internal influences shaping religious thought over time.*

**Keywords:** Monotheism. Polytheism. Henotheism. Monolatry.

## 1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre a crença religiosa do povo descrito na Bíblia Hebraica (BH) é de grande importância para o leitor pertencente a alguma vertente das religiões abraâmicas<sup>4</sup>. Mais especificamente, nos casos envolvendo tanto o judaísmo como o cristianismo, a questão se torna mais complexa devido ao fato das duas religiões considerarem essa coleção de textos como sagradas Escrituras<sup>5</sup>. Porém, é exatamente a partir desse corpo literário que emergem os problemas em relação a esse debate, levando em conta que uma leitura inicial e minuciosa de algumas

4 O termo “abraâmico” frequentemente é usado com referência as três principais religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo) devido a sua forte identificação com Abraão no qual cada uma dessas tradições religiosas interpretaram a figura do patriarca de acordo com a sua tradição religiosa cf. FIRESTONE, Reuven. Abraham and authenticity. In: SILVERSTEIN, Adam J.; Guy J. Stroumsa and Moshe Blidstein (Orgs.). **The Oxford handbook of Abrahamic religions**. Oxford: OUP, 2015, p. 3-19.

5 Enquanto o islamismo adota o Corão como o seu principal texto religioso, tanto o judaísmo como o cristianismo consideram a BH como o seu texto sagrado apesar de que a fé cristã também inclui o NT como parte das Escrituras e o conteúdo do AT possui algumas variações dependendo da vertente do cristianismo (e.g., as igrejas católicas, ortodoxa, etíope e protestante) cf. BRAGUE, Rémi. The concept of Abrahamic religions, problems and pitfalls. In: **The Oxford handbook of Abrahamic religions**. Oxford: OUP, 2015, 98-102; COGGINS, Richard. **Introducing the Old Testament**. Oxford: OUP, 1990, p. 1-6 (Oxford Bible Series); COLINS, John. **A short introduction to the Hebrew Bible**. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2007, p. 2-6; CARR, David R. **An Introduction to the Old Testament: sacred and imperial contexts of the Hebrew Bible**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010, p. 3-6.

passagens bíblicas (e.g., Gn 4.26; 31.19, 34, 53-54; Jer 11.13 etc.) já revela que a fé do antigo Israel tinha um cenário mais complexo e plural do que normalmente é reconhecido no meio eclesialístico. O problema se agrava quando a proibição de culto a outros deuses imposta pelo decálogo cf. Êx 20.3 entra em conflito com evidências externas que desafiam a prática de uma fé monoteísta no antigo Israel. Esse ensaio ressalta a importância da compreensão do ambiente em que estes textos foram produzidos em contraste com seus discursos, bem como o reconhecimento da natureza da composição dos textos da BH.

## 2 CONCEITOS E MÉTODOS

Ao lidarmos com textos antigos pertencentes a uma cultura distante, o leitor moderno pode cometer equívocos decorrentes da imposição do ponto de vista. Dessa forma, a noção de “autonomia conceitual” somada à distinção entre abordagens “êmica” e “ética” são ferramentas úteis para a exegese bíblica. A ideia de “autonomia conceitual” remonta à palestra inaugural de Landsberger, realizada em Leipzig em 1926 com o objetivo de avaliar o quanto de uma cultura estrangeira e antiga poderia ser compreendida por meio da filologia, distanciando o observador da influência de suas tradições contemporâneas. Nesse sentido, Landsberger sugeriu que para entender uma cultura desconhecida, „*devemos procurar pela característica conceitual própria de uma cultura*“<sup>6</sup>. De forma parecida, Pike cunhou a distinção entre as perspectivas “êmicas” e “éticas”, sendo que enquanto a primeira visa analisar o objeto de estudo dentro dos seus próprios limites culturais nativos, a segunda procura remover o objeto do seu ambiente autóctone a fim de oferecer explicações gerais<sup>7</sup>. Apesar de uma distinção rígida entre essas duas abordagens dificilmente seja mantida, uma vez que nem sempre suas fronteiras são facilmente identificáveis<sup>8</sup>, essas ferramentas servem como um mecanismo de controle

6 LANDSBERGER, Benno. Die Eigenbegrifflichkeit der babylonischen Welt. In: **Islamica**. [S.l.], v. 2, 1926, p. 355-57. „*müssen wir die Eigenbegrifflichkeit einer Kultur aufsuchen*“

7 PIKE, Kenneth L. **Language in relation to a unified theory of structure of human behaviour**. v. 1. Glendale, CA: Summer institute of linguistics, 1954, p. 8.

8 Feleppa questiona a habilidade do observador em descrever a cultura em questão de forma objetiva cf. FELEPPA, Robert. Emics, etics, and social objectivity. In: **Current anthropology**. [S.l.], v. 27, n. 3, 1986, p. 249-251. Nesse sentido, mesmo Duhm, um dos pioneiros dos estudos críticos modernos em Jeremias, não resistiu à influência de sua cultura ao comparar a experiência do profeta com o desapontamento da experiência de Lutero em Roma cf. DUHM, Bernhard. **Das Buch Jeremia**. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1901, p. 56 (KHCAT). A dificuldade de estabelecer as fronteiras entre essas duas abordagens fica mais evidente ao compararmos a forma em que diferentes estudiosos na área bíblica utilizam esses conceitos. Compare como Davies e Esler usam essas terminologias de formas opostas cf. DAVIES, Philip R. **Whose Bible is it anyway?** Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995, p. 27-55 (JSOTSup, 204) e ESLER, Philip F. **The Madness of Saul: a cultural reading of 1 Samuel 8–31**. In:

metodológico<sup>9</sup>. Nesse estudo, o termo “êmico” será aplicado a perspectiva do antigo oriente próximo, no qual o antigo Israel está inserido, enquanto a terminologia “ética” será empregado para tratar da perspectiva do observador. Assim, é importante reconhecermos que a dicotomia “monoteísmo” e “politeísmo” não consta na perspectiva do antigo oriente próximo, pois ela reflete uma construção moderna e anacrônica, designada para tratar das diferenças entre as religiões ocidentais e orientais bem como seus valores e tradições culturais, deturpando, portanto, a compreensão da religião do antigo Israel<sup>10</sup>. Nesse quesito, MacDonald observa que o termo “monoteísmo” somente apareceu pela primeira vez na discussão apologética de Moore sob a influência do platonismo e acrescenta que esse conceito se desenvolveu de forma mais profunda ao ser incorporado dentro do surgimento do deísmo durante o Iluminismo<sup>11</sup>. Portanto, Gericke está correto ao observar que o uso de conceitos importados do teísmo clássico junto às noções da metafísica aristotélica desvirtuam o que a BH pretende dizer a respeito da sua divindade predominante<sup>12</sup>.

No tocante aos métodos aplicados aos estudos de textos bíblicos, existe uma variedade significativa que serve a propósitos distintos. Eles podem ser divididos entre abordagens diacrônicas e sincrônicas<sup>13</sup>, porém o processo democratizante dos estudos bíblicos que passou a incluir diversas agendas (étnicas, sociológicas e até mesmo de gênero) abriu margem para uma pluralização na qual a divisão bipartida entre métodos diacrônicos e sincrônicos nem sempre dão conta de atender. Por esse motivo, os métodos exegéticos têm atualmente sido subdivididos

EXUM, J. Cheryl e Stephen D., Moore (Orgs.). **Biblical studies/cultural studies: the third Sheffield colloquium**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998, p. 243-44 (JSOTSup 266).

9 Jensen minimiza a distinção entre as perspectivas “êmicas” e “éticas” argumentando que ela tem apenas importância em termos metodológicos e teóricos, porém o seu valor epistemológico e interpretativo é praticamente nulo cf. JENSEN, Jeppe Sinding. Revisiting the insider-outsider debate: dismantling a pseudo-problem in the study of religion. In: **Method & theory in the study of religion**. [S.l.], v. 23, n. 1, 2011 p.29-47. Ulin, por outro lado, acredita que essas categorias não são mutuamente exclusivas, mas complementares de forma que tornam a tarefa da hermenêutica indispensável cf. ULIN, Robert C. Beyond explanation and understanding: anthropology and hermeneutics. In: **Dialectical anthropology**. [S.l.], v. 17, n.3, 1992, p. 253-69.

10 SMITH, Mark S. **The origins of biblical monotheism: Israel’s polytheistic background and the Ugaritic texts**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 11-12.

11 MACDONALD, Nathan. **Deuteronomy and the Meaning of “Monotheism”**. 2. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2012, p. 5-21 (FAT 2 Reihe 1).

12 I.e., a ideia do ser perfeito, noções da complexidade divina cf. GERICKE, Jaco. **The Hebrew Bible and philosophy of religion**. Atlanta, GA: Society of Biblical Literature, 2012, p. 293-342 (SBL 70).

13 Enquanto a abordagem diacrônica procura analisar o processo de composição do texto, a perspectiva diacrônica tenta examinar o texto na sua forma atual cf. DA SILVA, Cássio Murilo Dias. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 2000, p. 80-82. Também abordo essa discussão em YAN, Anderson. Leituras sincrônica e diacrônica em Jeremias. In: **Vox scripturae**. São Bento do Sul, SC, v. 24, n. 1, 2016, p. 13-30; Idem. Leituras sincrônica e diacrônica em Jeremias: parte 2. In: **Vox scripturae** São Bento do Sul, SC, 25, n. 3, 2017, p. 445-70.

entre perspectivas centradas no autor, texto e leitor<sup>14</sup>. Da mesma forma que existe uma dificuldade em estabelecermos fronteiras rígidas entre as perspectivas “êmica” e “ética”, também é possível encontrar intersecções entre essas três abordagens, embora representantes de alguma dessas vertentes não tenham admitido<sup>15</sup>. Isso, porém, não nos impede de atentarmos para a distinção entre o mundo literário e o mundo em que o texto foi produzido, embora a tensão entre história e literatura também não deva ser ignorada. Nesse sentido, levando em conta que a BH é produto de interpretação teológica, a categoria de “*history like*” apresentada por Frei talvez seja mais apropriada para lidar com essa literatura<sup>16</sup>, porém isso não significa que parte dela não tenha base histórica. Ainda assim é preciso que haja uma distinção entre interpretação religiosa/teológica e fato histórico como foi proposto por Lessing<sup>17</sup>. Para distinguirmos o mundo do texto daquele em que ele foi produzido, seguiremos as recomendações de Grabbe para tratar do ambiente que produziu a BH: (a) Todas as fontes devem ser consideradas e somente após o escrutínio algumas delas podem ser descartadas. (b) Porém, a preferência deve ser dada às fontes primárias (e.g., descobertas arqueológicas). (c) Sendo assim, excluindo algumas exceções, textos bíblicos geralmente refletem fontes secundárias escritas que foram submetidas a um processo editorial. (d) A consciência da *longue durée*

14 Recomendo a leitura de CLINES, David, J. A. *Methods in Old Testament Study*. In: ROGERSON, John (Org.). **Beginning Old Testament study**. 2. ed. London: SPCK, 1998, p. 25-48 e HONG, Koog P. *Synchronic and diachronic in contemporary Biblical interpretation*. In: **Catholic biblical quarterly**. Seoul, vol. 75, 2013, p. 525-39.

15 Do mesmo modo que os editores do texto bíblico se utilizaram de tradições do antigo oriente próximo para compor suas próprias narrativas de acordo com as novas demandas de seus contextos, leitores de contextos distintos usaram a Bíblia à luz de suas próprias agendas (e.g., interpretações cristológicas da BH/AT) cf. JOYCE, Paul. *The Old Testament relationship to the New Testament*. In: ROGERSON, John (Org.). **Beginning Old Testament study**. 2. ed. London: SPCK, 1998, p. 132-149. Tal confisco, é claro, levanta questões em termos de se qualquer leitura é justificável. Para esse debate recomendo a leitura de MILLER, J. Hillis. *The ethics of readings*. In: **Deconstruction**. [S.l.], v. 21, n. 2, 1987, p. 181-191.. No entanto, a redescoberta de Gadamer demonstrou que todos os intérpretes pertencem a um ambiente socio histórico onde o processo interpretativo é marcado por uma “fusão de horizontes” cf. GADAMER, Hans-Georg. **Wahrheit und Methode: Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik**. UTB. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), p. 281, 305-11. Spieckermann nota uma continuidade entre exegese bíblica e história da recepção e argumenta que essencialmente o que separa as duas abordagens é a canonização de determinados textos, mas fora disso, ambos estão envolvidos na tarefa de interpretar tradições passadas cf. SPIECKERMANN, Hermann. *From biblical exegesis to reception history*. In: **Hebrew Bible and ancient Israel**. Göttinger, v. 1, n. 3, 2012, p. 327-50. Conclusões semelhantes são apresentadas por Teeter uma vez que ele argumenta que a história de redação, a história do texto, a reescrita exegética e a história mais ampla da interpretação provam ser não apenas processos contíguos, mas profundamente interconectados cf. TEETER, Andrew. *The Hebrew Bible and/as second temple literature: methodological reflections. Dead sea scroll discoveries*. Harvard, MA, vol. 20, n. 3, 2013, 349-77.

16 FREI, Hans W. **The eclipse of biblical narrative: a study in eighteenth and nineteenth century hermeneutics**. New Haven, NY; London: Yale University Press, 1974, p. 10-16.

17 LESSING, Gotthold Ephraim. **Ueber den Beweis des Geistes und der Kraft: an den Herrn Director Schumann, zu Hannover (Buchhandlung des Waisenhauses, 1777)**.

também deve ser levada em consideração, bem como as diferenças entre Israel e Judá. (e) Cada evento histórico deve ser avaliado segundo o seu próprio mérito e toda reconstrução histórica não deve ser tomada como certa, mas sua defesa deve ser avaliada e está sujeita a revisão conforme o surgimento de novas descobertas<sup>18</sup>.

### 3 DIVINDADES(S) NA BÍBLIA HEBRAICA E ANTIGO ISRAEL

Apesar da pronúncia incerta em relação ao nome da deidade nomeada pelo Tetragrama יהוה, sem sombra de dúvidas o antigo Israel tinha laços fortes com essa divindade. Grabbe acredita que a pronúncia “Javé” está baseada na vocalização de nomes teofóricos disponíveis na BH (e.g., ירמיהו cf. Jr 1.1) ao lado de fontes gregas e latinas tardias (e.g., Ἰάω cf. *Diodorus Siculus* 1.94.2; *Varro, apud Lydus, De Mensibus* 4.53)<sup>19</sup>. De Farias Francisco observa que a forma abreviada יה ocorre somente em textos poéticos (e.g., Êx 15.2; Is 38.11; Sl 68.19), escritos provavelmente durante a fase de desenvolvimento do hebraico arcaico onde a rara combinação entre יה e אלהים aparece como um *hapax legomenon*<sup>20</sup>. Essa forma abreviada também ocorre junto à forma completa em inscrições do oitavo século anterior da era comum descobertos em *Hirbet Beit Lei*, sugerindo que ambas formas do nome sugerindo foram usadas com certa frequência durante o período bíblico<sup>21</sup>. Além disso, a hostilidade em relação a determinadas divindades (e.g., בעל, אשרה e מלך cf. 1 Rs 15.9-15; 18.20-46; 2 Rs 23.10) é visível no texto bíblico apesar de que em alguns casos parecem ambíguos além da presença de uma pluralidade implícita (e.g., בעדתאל בקרב אלהים cf. Sl 82.1).

A forte identificação do antigo Israel com Javé juntamente a essa visão negativa de determinadas divindades, no entanto, não significa que a religião do antigo Israel sempre foi monoteísta desde o princípio mesmo que esse termo tenha sido usado com uma certa frequência em estudos da BH sem considerar que as fronteiras da sua identidade religiosa com os povos vizinhos não se desenvolveram da noite para o dia<sup>22</sup>.

18 GRABBE, Lester L. **Ancient Israel: what do we know and how do we know it?** 2. ed. London: Bloomsbury T&T Clark, 2017, p. 3-38.

19 GRABBE, 2017, p. 193.

20 DE FARIAS FRANCISCO, Edson. **Tetragrama, teônimos e nomina Sacra: os nomes de Deus na Bíblia.** Santo André, SP: Kapenke, 2018, p. 21.

21 DE FARIAS FRANCISCO, 2018, p. 21-22.

22 Para uma visão panorâmica do desenvolvimento da religião do antigo Israel recomendo GRABBE, 2017, p. 193-205; MILLER, Patrick D. **The religion of ancient Israel.** LAI. Louisville, KY; London e Leiden: SPCK e Westminster John Knox Press, 2000, p. 1-105.

Propostas anteriores como “henoteísmo” e “monolatria” surgiram na tentativa de explicar o fenômeno religioso do antigo Israel<sup>23</sup>, porém Albright, encabeçando o movimento da arqueologia bíblica, sugeriu que o monoteísmo mosaico teve influência de ideias egípcias (e.g., deus criador, monoteísmo inspirado pelo culto a *Aten/Aton* e a crença de que essa divindade governava o universo<sup>24</sup>, enquanto Heiser procura explicar o fenômeno da pluralidade divina admitindo que embora os escritores bíblicos tiveram conhecimento de alguma forma de pluralidade, ao mesmo tempo eles parecem advogar que Javé representa uma espécie singular<sup>25</sup>. Por mais atraente que sejam, essas sugestões não fazem jus às evidências internas e externas.

Atualmente existe um consenso crescente de que o monoteísmo é fruto de um fenômeno tardio, sem descartar que possa ter existido um grupo que defendia a prática do culto javista exclusivista antes do período exílico. Segundo Gnuse, a mudança na academia parece estar relacionada ao reconhecimento entre os estudiosos de que o antigo Israel teria emergido da população local, começando pelas terras altas durante a Idade do Ferro I em um processo relativamente pacífico ao contrário de uma conquista por invasores estrangeiros<sup>26</sup>. Gnuse, Dijkstra e Becking argumentam que isso teria permitido uma continuidade entre a cultura israelita pré-exílica e canaanita embora o ápice de uma forma emergente de monoteísmo tenha ocorrido apenas durante a era exílica e tenha sido ainda mais expressiva ao final do período do segundo templo como resultado de uma longa reflexão intelectual<sup>27</sup>.

Algumas evidências arqueológicas (e.g., cartas de *Laquis*, ostraca de *Tel Arad* e amuletos encontrados em Jerusalém, frascos descobertos em *Tel Miqne* e

23 Welcker cunhou o termo “henoteísmo” em referência a uma forma de monoteísmo primitivo praticado entre os gregos que durante a antiguidade cultuavam Zeus (cf. WELCHER, F. G. **Griechische Götterlehre**. Vol. 3. Göttingen: Verlag der Dieterichschen Buchhandlung, 1863, p. iv-v) enquanto Smith foi o pioneiro em relação ao uso do termo “monolatria” para tratar dos primórdios da religião semítica (cf. SMITH, William Robertson. **Lectures on the religion of the Semites**: second and third series: edited with an introduction and appendix by John Day. JSOTSup 183. Sheffield: Sheffield University Press, 1995, p. 25).

24 ALBRIGHT, William Foxwell. **From the stone age to Christianity** – monotheism and the historical process. Baltimore, MD: The John Hopkins Press, 1940, p. 206.

25 HEISER, Michael S. Monotheism, polytheism, monolatriy, or henotheism? Toward an assessment of divine plurality in the Hebrew Bible. In: **Bulletin for biblical research**. [S.l.], v. 18 n. 1, 2008, p. 1-30.

26 GNUSE, Robert Karl. **No other gods**: emergent monotheism in Israel. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997, p. 23-61. (JSOTSup 241)

27 GNUSE, 1997, p. 194-209, 346-47; DIJKSTRA, Meindert. El, the God of Israel – Israel, the people of YHWH: on the origins of ancient Israelite Yahwism. In: BECKING, Bob et al. (Orgs.). **Only one God?** monotheism in ancient Israel and the veneration of the goddess Asherah. London e New York, NY: Sheffield Academic Press, 2001, p. 89-92. Smith, no entanto, evita o uso do termo canaanita sob a justificação de que os termos ugarítico e canaanita não são sinônimos. Além disso, esse termo provavelmente reflete uma formulação pós-exílica cf. SMITH, 2001, p. 14-18.

uma tigela de *Khirbet el-Qôm*) parecem apoiar relatos bíblicos nos quais a adoração ou rituais envolvendo outras divindades (e.g., בעל e אשרה, אל) ocorreram ao lado do culto a יהוה, embora Vriezen reconheça que esses itens podem não corresponder necessariamente ao mesmo espaço temporal e geográfico<sup>28</sup>. Mesmo assim, outro fator importante apontado por Dijkstra é o fato de que as tradições bíblicas foram reformuladas de acordo com a prática do culto a um único deus durante o exílio<sup>29</sup>.

Smith argumenta que a presença da linguagem do conselho divino presente nos textos da Idade do Bronze na Mesopotâmia e na Síria (e.g., I.47.29; I.118.28; I148.9; I.4 III 14; 1.2 I 14, 15, 20, 31) menciona uma agregação de divindades que orbitavam em torno de deuses específicos e sua divisão em grupos (que sugere uma certa hierarquia) pode iluminar a natureza da religião do antigo Israel<sup>30</sup>. Day também acrescenta que o número de epítetos sobre *El* (e.g., אל שדי, אל אל בית אל cf. Gn 17.1; 35.7) no livro de Gênesis indica uma estreita relação entre a religião praticada pelos patriarcas e o culto canaanita dedicado a *El*, no qual essa divindade parece ter desempenhado o papel de deus principal. Porém, a presença dessa divindade no antigo Israel foi desaparecendo a medida que Javé foi elevado a uma posição mais alta, como é atestado pelo processo de suplementação da BH onde *El* acabou se transformando em um título divino<sup>31</sup>. A influência dessa divindade, no entanto, ainda pode ser identificada na BH uma vez que Javé acabou incorporando seus atributos (e.g., um deus antigo, sábio e criador ao lado de referências aos filhos de *El* cf. Jó 36.26; Ez 28.2ss; Dt 32.6; Gn 6.2)32. Korpel chama a atenção para o fato de que textosugaríficos apresentam *`atrt* como consorte de *El* (cf. KTU 1.4: I22; 1.40: 33-34; 2.31: 46)33. Day ressalta que a BH apresenta essa deusa como אשרה, embora as referências a ela não sejam uniformes, pois há ocasiões em que o nome *Ashrah* se refere à deusa (e.g., 1 Rs 15.13), enquanto em outros casos se refere a um artefato de culto, feito de madeira (e.g., 2 Rs 23.6). Isso acaba dificultando concluir se Javé já teve uma esposa na religião israelita antiga ou não<sup>34</sup>. Porém, Emerton argumenta que a estreita associação entre o símbolo e a divindade sugere

28 VRIEZEN, Karel J. H. Archaeological traces of cult in ancient Israel. In: BECKING, Bob et al. (Orgs.). **Only one God?** monotheism in ancient Israel and the veneration of the goddess Asherah. London e New York, NY: Sheffield Academic Press, 2001, p. 45-80.

29 DIJKSTRA, 2001, p. 81-89.

30 SMITH, 2001, p. 41-46.

31 DAY, John. **Yahweh and the gods and goddesses of Canaan**. London: Sheffield Academic Press, 2000, p. 13-17, 24-26 (JSOTSup 265); DIJKSTRA, 2001, p. 102-104; SMITH, 2001, p. 135-36, 139-45.

32 DAY, 2000, p. 17-24; SMITH, 2001, p. 136.

33 KORPEL, Marjo C. A. Asherah outside Israel. In: BECKING, Bob et al. (Orgs.). **Only one God?** monotheism in ancient Israel and the veneration of the goddess Asherah. London e New York, NY: Sheffield Academic Press, 2001, p. 129-30.

34 DAY, 2000, p. 42-59.

que *Asherah* era considerada a consorte de Javé<sup>35</sup>. Smith chega a sugerir que os antecedentes religiosos do Israel pré-exílico tinham o casal divino Javé e *Asherah* no topo do panteão da Judeia<sup>36</sup>. Isso corrobora com inscrições que abrangem o período entre os séculos VII e III anterior a era comum sugerindo que *Asherah* continuava sendo familiar e adorada em Judá, Israel e arredores desde antes do período exílico. A soma dessas evidências indica fortemente que essa deusa estava intimamente relacionada à adoração a Javé<sup>37</sup>.

Outra divindade mencionada na BH frequentemente associada a lugares geográficos é Baal, aparecendo no singular (e.g., 2 Rs 11.18) e plural (e.g., Jz 2.11). Segundo Day, ocorrências no plural se referem a manifestações locais de um deus chamado *Hadad* (cf. KTU 1.10.II.4-5) embora ocasionalmente possa refletir uma referência geral à religião canaanita (e.g., Jr 2.23)<sup>38</sup>. No entanto, fontesugaríticas costumam mencionar *špn* como a montanha divina de Baal (e.g., KTU<sup>2</sup> 1.5.I.11) que provavelmente influenciou o termo *šp̄r* na BH, mas apesar de sua associação com o norte, a localização geográfica não foi fixa, pois é possível encontrar referências apontando para o Egito (cf. Êx 14.1)<sup>39</sup>. À primeira vista a BH parece dar a impressão de uma recepção mais aberta a *El* do que Baal, porém as categorias de apropriação de Anderson sugerem que a relação entre Baal e a BH nem sempre é direta<sup>40</sup>. Mesmo assim não seria exagero dizer que o baalismo, incluindo tentativas de sincretismo entre o culto a Javé e Baal (e.g., Os 2.18), teria sido o principal obstáculo à implementação da prática do javismo exclusivista<sup>41</sup>. O pico do confronto entre os dois cultos, no entanto, é apresentado com detalhes coloridos nos relatos de Jezabel (cf. 1 Rs 16.29ss)<sup>42</sup>.

35 EMERTON, J. A. "Yahweh and his Asherah": the goddess or her symbol? In: **Vetus testamentum** vol. 48, n. 3, 1999, p. 334-35.

36 SMITH, 2001, p. 41-47.

37 DIJKSTRA, Meindert. I have blessed you by YHWH of Samaria and his Asherah: texts with religious elements from the soil archive of ancient Israel. In: BECKING, Bob et al. (Orgs.). **Only one God? monotheism in ancient Israel and the veneration of the goddess Asherah**. London e New York, NY: Sheffield Academic Press, 2001, p. 44; GILMOUR, Garth. An Iron Age II pictorial inscription from Jerusalem illustrating Yahweh and Asherah In: **Palestine exploration quarterly**. [S.l.], v. 141, n. 2, 2009, p. 100.

38 DAY, 2001, p. 68-70.

39 DAY, 2001, p. 107-09.

40 Anderson divide suas categorias entre apropriação da polêmica e não-polêmica, onde a primeira pode se manifestar de forma explícita ou implícita enquanto a segunda pretende dar a impressão que o monoteísmo sempre existiu desde o princípio cf. ANDERSON, James S. **Monotheism and Yahweh's appropriation of Baal**. London and New York, NY: Bloomsbury T&T Clark, 2015, p. 39-46 (LHBT 617).

41 DAY, 2001, p. 72-73.

42 DAY, 2001, p. 70-77, 228-29; SMITH, Morton. **Palestinian parties and politics that shaped the Old Testament**. New York: Columbia University Press, 1971, p. 15-56; LANG, Bernhard. **Monotheism**

Nesse sentido, a reconstrução de Smith e Lang sugere que, semelhante aos seus vizinhos, o culto javista exclusivista tinha Javé como sua divindade nacional, mas a difusão desse grupo só começa a ocorrer a partir do período davídico<sup>43</sup>. Mudanças mais dramáticas em direção ao monoteísmo, entretanto, só ocorreram durante o conflito entre Jezabel e os profetas javistas que acabou resultando na propagação da pregação do movimento liderada pelos profetas clássicos ao lado da reforma Deuteronomista, apesar de que a estabilidade desse grupo religioso só ocorreu durante o período (pós)exílico em reação contra as religiões estrangeiras<sup>44</sup>. Pakkala reconhece que alguns aspectos da religião pré-exílica poderiam ter desencadeado o que ele chama de “monolatria intolerante”<sup>45</sup>. Com o uso de críticas de fonte e redação, ele argumenta que essa monolatria só funcionou de forma mais efetiva a partir da era exílica uma vez que historiador dificilmente se interessa pelos outros deuses, enquanto os “nomistas” parecem mais preocupados com o assunto já que os editores exílicos teriam sido os primeiros na história Deuteronomista a proibir a adoração de outros deuses<sup>46</sup>. Segundo Finkelstein, a expansão dos assentamentos em Jerusalém e Judá ao lado do seu crescimento demográfico entre o final do oitavo e o início do sétimo século anterior a era comum não apenas sustentam a teoria de uma migração em massa de israelitas do reino do norte para o reino do sul após a queda de Samaria, mas também explicam a presença de tradições e teologia do norte na BH<sup>47</sup>.

Segundo Römer, a radicalização em direção a alguma forma de monoteísmo ocorreu apenas no início do período persa, pois ideias universalistas ao lado da crença de que Javé é o criador parecem mais evidentes nas camadas mais posteriores da história Deuteronomista devido a sua relação com a doutrina da eleição (cf. Deuteronomio 4 e 10.14-22)<sup>48</sup>. Porém, Grabbe salienta que mesmo após a centralização do culto em Jerusalém juntamente com o estabelecimento de alguma forma de culto exclusivista a um único deus, outros templos ou santuários continuaram em operação (e.g., Gerizim e Leontópolis)<sup>49</sup>. Além disso, Day observa

---

**and the prophetic minority:** an essay in biblical history and sociology. Sheffield: Almond Press, 1983, p. 13-59 (SWBA 1).

43 SMITH, 1971, p. 15-56. Lang adopts this model with some modification cf. LANG, 1983, p. 13-59.

44 SMITH, 1971, p. 15-56; LANG, 1983, p. 13-59.

45 PAKKALA, Juha. **Intolerant monolatriy in the Deuteronomistic history**. Helsinki e Göttingen: The Finnish Exegetical Society e Vandenhoeck & Ruprecht, 1999, p. 239 (PFES 76).

46 PAKKALA, 1999, p. 239.

47 ISRAEL, Finkelstein. Migration of Israelites into Judah after 720 BCE: an answer and update. In: **Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft**. Tel-Aviv, v. 127, n. 2, 2015, p. 188-206.

48 RÖMER, Thomas. **The so-called Deuteronomistic history:** a sociological, historical and literary introduction. London: T&T Clark, 2005, p. 172-74.

49 GRABBE, Lester L. **Judaic religion in the second temple period:** belief and practice from the exile to Yavne. London and New York, NY: Routledge, 2000, p. 317-18.

que a prática de culto a outras divindades continuou entre os vizinhos de Israel e, ocasionalmente, alguns resíduos ainda podem ser encontrados entre os judeus monoteístas devido o fato de que o judaísmo como uma de religião do livro surgiu apenas no final do período do segundo templo<sup>50</sup>.

#### 4 CONCLUSÃO

A influência dos nossos pressupostos na compreensão de uma cultura desconhecida muitas vezes nos leva a conclusões precipitadas onde a tensão entre monoteísmo e politeísmo é apenas uma delas. Ao lado de Javé, El, Asherah e Baal, a BH também faz referências a outras divindades como Molek, Teraphim, Rephaim etc (cf. 2 Rs 23.10; 1 Sm 15.22-23 e Jó 26.5). Aparentemente a reforma josiânica em 621 anterior a era comum teria resultado no declínio do culto a essas divindades<sup>51</sup>. Mesmo considerando que a reforma tenha ocorrido<sup>52</sup>, Grabbe sugere que expressões religiosas menos informais que abordavam assuntos diários específicos ainda continuavam ocorrendo de forma simultânea com a religião nacional oficial<sup>53</sup>. Um aspecto importante a ser considerado é que junto à implementação de um culto exclusivista um processo de macular outras práticas religiosas ocorre ao lado de sua execução, resultando na desconstrução das antigas práticas canaanitas<sup>54</sup>. Nesse sentido, Levinson argumenta que os deuteronomistas geralmente estereotipam tais práticas<sup>55</sup> enquanto Barstad questiona a veracidade da substituição de culto em Amós<sup>56</sup>. Esse tipo de prática de desconstrução do outro pode ser observada na propaganda americana em relação a ex-União Soviética na década de 80 e ainda hoje em relação a religião mulçumana. Isso, porém, não significa que esse ensaio esteja reivindicando alguma forma de ecumenismo ou

---

50 DAY, 2001, p. 231-32.

51 DAY, 2001, p. 229-30.

52 Recentemente estudiosos têm discutido a respeito da historicidade da reforma Deuteronomista. Compare, por exemplo, ALBERTZ, Rainer. Why a reform like Josiah's must have happened. In: GRABBE, Lester L. (Org.). **Good kings and bad kings: the kingdom of Judah in the seventh century BCE**. T&T Clark BS. London e New York, NY: T&T Clark, 2007, p. 27-46 com DAVIES, Philip R. Josiah and the Law book. In: GRABBE, Lester L. (Org.). **Good kings and bad kings: the kingdom of Judah in the seventh century BCE**. T&T Clark BS. London e New York, NY: T&T Clark, 2007, p. 65-77.

53 GRABBE, Lester L. **Priests, prophets, sages: a socio-historical study of religious specialists in ancient Israel**. Valley Forge, PA: Trinity Press International, 1995, p. 119-151.

54 GNUSE, 1997, p. 60.

55 LEVINSON, Bernard M. **Deuteronomy and the hermeneutic of legal innovation**. Oxford and New York, NY: OUP, 1997, p. 148-49.

56 BARSTAD, Hans M. **The religious polemics of Amos: studies in the preaching of Am 2, 7B-8; 4,1-13; 5,1-27; 6,4-7; 8,14**. Leiden: E. J. Brill, 1984, p. 21-23.

universalismo. O objetivo desse artigo é apenas demonstrar que um cenário tão complexo não pode ser simplesmente reduzido a uma oposição binária como o monoteísmo versus o politeísmo, pois seu desenvolvimento passou por um processo complicado que envolve assimilação, exclusão e transformação. Mesmo assim, também é importante estarmos atentos para a sensibilidade do leitor pertencente a uma comunidade que professa uma fé monoteísta; a proibição de adoração a outros deuses, porém, não necessariamente deve ser equiparada ao monoteísmo. Apesar de Sommer reconhecer que monolatria não ser equivalente a monoteísmo, ele afirma que o termo monoteísmo tem um valor importante, destacando a importância da distinção entre a religião dos antigos israelitas e a formulação teológica da BH<sup>57</sup>. Nesse sentido, MacDonald argumenta que o fato de o Deuteronômio claramente advogar que Javé é um, único, sem iguais, não sustenta uma noção teísta especulativa derivada do monoteísmo, uma vez que o *Shema* (cf. Dt 4.35, 39) se refere a um comprometimento amoroso, pleno e intenso onde diversas imagens (e.g., conjugal, parental e política) foram empregadas para ilustrar o relacionamento entre Javé e o seu povo<sup>58</sup>. Apesar das limitações de cada metáfora, elas ainda têm um papel didático importante. Particularmente, aquelas que envolvem imagens de casamento e alianças políticas parecem esclarecedoras para nossa compreensão do culto exclusivo da aliança javista, pois foram combinadas para reprovar a apostasia. Nesse sentido, Thompson chama a atenção para o contexto político atrelado ao termo אהבה (amor)<sup>59</sup> e Baumann observa o nível de comprometimento sugerido pela metáfora do matrimônio na literatura profética<sup>60</sup>. Amor, portanto, não deve ser reduzido a emoções abstratas, pois ele se manifesta através de ações concretas na BH (e.g., exemplo, adoração, santificação, obediência, sacrifício e educação)<sup>61</sup>.

## 5 REFERÊNCIAS

ALBERTZ, Rainer. Why a reform like Josiah's must have happened. In: GRABBE, Lester L. (Org.). **Good kings and bad kings: the kingdom of Judah in the seventh century BCE**. T&T Clark BS. London e New York, NY: T&T Clark, 2007, p. 27-46.

---

57 SOMMER, Benjamin. **The bodies of God and the world of ancient Israel**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 145-74.

58 MACDONALD, 2012, p. 97-123, 209-21.

59 THOMPSON, J. A. Israel's "Lovers" In: **Vetus testamentum**. [S.l.], v. 27, n. 4, 1977, p. 475-81.

60 BAUMANN, Gerlinde. **Liebe und Gewalt**. Die Ehe als Metapher für das Verhältnis JHWH – Israels in den Prophetenbüchern. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk GmbH, 2000, p. 40 (SBS 185).

61 MACDONALD, 2012, p. 122-23.

ALBRIGHT, William Foxwell. **From the stone age to Christianity – monotheism and the historical process.** Baltimore, MD: The John Hopkins Press, 1940.

ANDERSON, James S. **Monotheism and Yahweh's appropriation of Baal.** London and New York, NY: Bloomsbury T&T Clark, 2015. ( Library of Hebrew Bible/Old Testament Studies – LHBOT 617)

BARSTAD, Hans M. **The religious polemics of Amos: studies in the preaching of Am 2, 7B-8; 4,1-13; 5,1-27; 6,4-7; 8,14.** Leiden: E. J. Brill, 1984.

BAUMANN, Gerlinde. **Liebe und Gewalt.** Die Ehe als Metapher für das Verhältnis JHWH – Israels in den Prophetenbüchern. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk GmbH, 2000. (Stuttgarter Bibelstudien – SBS 185)

BRAGUE, Rémi. The concept of Abrahamic religions, problems and pitfalls. In: **The Oxford handbook of Abrahamic religions.** Oxford: OUP, 2015.

CARR, David R. **An Introduction to the Old Testament: sacred and imperial contexts of the Hebrew Bible.** Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

CLINES, David, J. A. Methods in Old Testament Study. In: ROGERSON, John (Org.). **Beginning Old Testament study.** 2. ed. London: SPCK, 1998.

COGGINS, Richard. **Introducing the Old Testament.** Oxford: OUP, 1990. (Oxford Bible Series – OBS)

COLINS, John. **A short introduction to the Hebrew Bible.** Minneapolis, MN: Fortress Press, 2007.

DA SILVA, Cássio Murilo Dias. **Metodologia de exegese bíblica.** São Paulo, SP: Edições Paulinas, 2000.

DAVIES, Philip R. **Whose Bible is it anyway?.** Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995. (Journal for The Study of The Old Testament Supplement – JSOTSup, 204)

\_\_\_\_\_. Josiah and the Law book. In: GRABBE, Lester L. (Org.). **Good kings and bad kings: the kingdom of Judah in the seventh century BCE.** T&T Clark BS. London e New York, NY: T&T Clark, 2007, p. 65-77.

DAY, John. **Yahweh and the gods and goddesses of Canaan.** London: Sheffield Academic Press, 2000. (JSOTSup 265)

DE FARIAS FRANCISCO, Edson. **Tetragrama, teônimos e nomina Sacra: os nomes de Deus na Bíblia.** Santo André, SP: Kapenke, 2018.

DIJKSTRA, Meindert. I have blessed you by YHWH of Samaria and his Asherah: texts with religious elements from the soil archive of ancient Israel. In: BECKING, Bob et al. (Orgs.). **Only one God?** monotheism in ancient Israel and the veneration of the goddess Asherah. London e New York, NY: Sheffield Academic Press, 2001.

\_\_\_\_\_. El, the God of Israel – Israel, the people of YHWH: on the origins of ancient Israelite Yahwism. In: BECKING, Bob et al. (Orgs.). **Only one God?** monotheism in ancient Israel and the veneration of the goddess Asherah. London e New York, NY: Sheffield Academic Press, 2001, p. 89-92.

DUHM, Bernhard. **Das Buch Jeremia**. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1901. (KHCAT)

EMERTON, J. A. “Yahweh and his Asherah”: the goddess or her symbol? In: **Vetus testamentum**. [S.l.] v. 48, n. 3, 1999, p. 315-337.

ESLER, Philip F. The Madness of Saul: a cultural reading of 1 Samuel 8–31. In: EXUM, J. Cheryl e Stephen D., Moore (Orgs.). **Biblical studies/cultural studies: the third Sheffield colloquium**.. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998, p. 220-262.. (JSOTSup 266)

FELEPPA, Robert. Emics, etics, and social objectivity. In: **Current anthropology**. [S.l.], v. 27, n. 3, 1986, p. 243-255.

FIRESTONE, Reuven. Abraham and authenticity. In: SILVERSTEIN, Adam J.; Guy J. Stroumsa and Moshe Blidstein (Orgs.). **The Oxford handbook of Abrahamic religions**. Oxford: OUP, 2015.

FREI, Hans W. **The eclipse of biblical narrative: a study in eighteenth and nineteenth century hermeneutics**. New Haven, NY; London: Yale University Press, 1974.

GADAMER, Hans-Georg. **Wahrheit und Methode: Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik**. UTB. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck).

GERICKE, Jaco. **The Hebrew Bible and philosophy of religion**. Atlanta, GA: Society of Biblical Literature, 2012. (Society of Biblical Literature – SBL 70)

GILMOUR, Garth. An Iron Age II pictorial inscription from Jerusalem illustrating Yahweh and Asherah. In: **Palestine exploration quarterly**. [S.l.], v. 141, n. 2, 2009, p. 87-103.

GNUSE, Robert Karl. **No other gods: emergent monotheism in Israel**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997. (JSOTSup 241)

GRABBE, Lester L. **Priests, prophets, sages**: a socio-historical study of religious specialists in ancient Israel. Valley Forge, PA: Trinity Press International, 1995.

\_\_\_\_\_. **Judaic religion in the second temple period**: belief and practice from the exile to Yavne. London and New York, NY: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ancient Israel**: what do we know and how do we know it? 2a ed. London: Bloomsbury T&T Clark, 2017.

HEISER, Michael S. **Monotheism, polytheism, monolatry, or henotheism?** Toward an assessment of divine plurality in the Hebrew Bible. In: Bulletin for biblical research vol. 18 n. 1, 2008, p. 1-30.

HONG, Koog P. Synchronic and diachronic in contemporary Biblical interpretation. In: **Catholic biblical quarterly**. Seoul, v. 75, 2013, p. 521-539.

ISRAEL, Finkelstein. Migration of Israelites into Judah after 720 BCE: an answer and update. In: **Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft**. Tel-Aviv, v. 127, n. 2, 2015, p. 188-206.

JENSEN, Jeppe Sinding. Revisiting the insider-outsider debate: dismantling a pseudo-problem in the study of religion. In: **Method & theory in the study of religion**. [S.l.], v. 23, n. 1, 2011 p. 29-47.

JOYCE, Paul. The Old Testament relationship to the New Testament. In: ROGERSON, John (Org.). **Beginning Old Testament study**. 2. ed. London: SPCK, 1998, p. 132-149.

KORPEL, Marjo C. A. Asherah outside Israel. In: BECKING, Bob et al. (Orgs.). **Only one God?** monotheism in ancient Israel and the veneration of the goddess Asherah. London e New York, NY: Sheffield Academic Press, 2001.

LANDSBERGER, Benno. Die Eigenbegrifflichkeit der babylonischen Welt. In: **Islamica**. [S.l.], v. 2, 1926, p. 355-57. Subsequente reimpresso como LANDSBERGER, Benno e Wolfram von Soden. **Die Eigenbegrifflichkeit der babylonischen Welt**. v. 142 of Libeli: Wissenschaftliche Buchgesellschaft. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1965.

LANG, Bernhard. **Monotheism and the prophetic minority**: an essay in biblical history and sociology. Sheffield: Almond Press, 1983. (Social World of Biblical Antiquity – SWBA 1)

LESSING, Gotthold Ephraim. **Ueber den Beweis des Geistes und der Kraft**: an den Herrn Director Schumann, zu Hannover (Buchhandlung des Waisenhauses, 1777).

LEVINSON, Bernard M. **Deuteronomy and the hermeneutic of legal innovation**. Oxford and New York, NY: OUP, 1997.

MACDONALD, Nathan. **Deuteronomy and the Meaning of “Monotheism”**. 2a ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2012. (Forschungen zum Alten Testament –FAT 2 Reihe 1)

MILLER, J. Hillis. The ethics of readings. In: **Deconstruction**. [S.l.], v. 21, n. 2, 1987, p. 181-191.

\_\_\_\_\_; Patrick D. **The religion of ancient Israel**. Louisville, KY; London e Leiden: SPCK; Westminster John Knox Press, 2000. (Library of Ancient Israel – LAI)

PAKKALA, Juha. **Intolerant monolatry in the Deuteronomistic history**. Helsinki e Göttingen: The Finnish Exegetical Society e Vandenhoeck & Ruprecht, 1999. (PFES 76)

PIKE, Kenneth L. **Language in relation to a unified theory of structure of human behaviour**. v. 1. Glendale, CA: Summer institute of linguistics, 1954.

RÖMER, Thomas. **The so-called Deuteronomistic history: a sociological, historical and literary introduction**. London: T&T Clark, 2005.

SMITH, Mark S. **The origins of biblical monotheism: Israel’s polytheistic background and the Ugaritic texts**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

\_\_\_\_\_, Morton. **Palestinian parties and politics that shaped the Old Testament**. New York: Columbia University Press, 1971.

\_\_\_\_\_; William Robertson. **Lectures on the religion of the Semites: second and third series: edited with an introduction and appendix by John Day**. Sheffield: Sheffield University Press, 1995. (JSOTSup 183)

SOMMER, Benjamin. **The bodies of God and the world of ancient Israel**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

SPIECKERMANN, Hermann. From biblical exegesis to reception history. In: **Hebrew Bible and ancient Israel**. Göttinger, vol. 1, n. 3, 2012., p. 327-350.

TEETER, Andrew. The Hebrew Bible and/as second temple literature: methodological reflections. In: **Dead sea scroll discoveries**. Harvard, MA, v. 20, n. 3, 2013, p. 349-77

THOMPSON, J. A. Israel’s “Lovers” In: **Vetus testamentum**. [S.l.], v. 27, n. 4, 1977, 475-481.

ULIN, Robert C. Beyond explanation and understanding: anthropology and hermeneutics. In: **Dialectical anthropology**. [S.l.], v. 17, n.3, 1992, p. 253–269.

VRIEZEN, Karel J. H. Archaeological traces of cult in ancient Israel. In: BECKING, Bob et al. (Orgs.). **Only one God?** monotheism in ancient Israel and the veneration of the goddess Asherah. London e New York, NY: Sheffield Academic Press, 2001, p. 45-80.

WELCHER, F. G. **Griechische Götterlehre**. Vol. 3. Göttingen: Verlag der Dieterichschen Buchhandlung, 1863.

YAN, Anderson. Leituras sincrônica e diacrônica em Jeremias. In: **Vox scripturae**. São Bento do Sul, SC, v. 24, n. 1, 2016, p. 13-30.

\_\_\_\_\_. Leituras sincrônica e diacrônica em Jeremias: parte 2. In: **Vox scripturae** São Bento do Sul, SC, v. 25, n. 3, 2017, p. 445-470.